



Revista Linguasagem – 15ª Edição / [www.lettras.ufscar.br/linguasagem](http://www.lettras.ufscar.br/linguasagem)

## CONTRAPONTO DE REPRESENTAÇÕES IDENTITÁRIAS ENTRE OBRAS DE ALENCAR, VERÍSSIMO E GABRIEL GARCÍA MARQUÉZ

Aline Venturini<sup>1</sup>

### Considerações iniciais

A busca pela identidade local das nações latino-americanas, motivada pelo processo de suas independências, torna-se uma característica recorrente no processo do desenvolvimento de construção histórica, bem como da literatura dessas nações. Essa trajetória marca-se por representações calcadas em figuras identitárias eleitas, de modo a identificar a identidade de um país e a sua literatura através destas figuras. As formas dessa representação são distintas, devido às especificidades e ao pensamento sobre a questão de pertencimento e identidade nacional de determinada época e país.

A busca pelo específico nacional, tanto na História, quanto na Literatura ocorre a partir de figuras identitárias e entra em conflito com a forte influência européia, que marcou esse processo na América Latina. Dessa forma, várias tentativas de diferenciação e afirmação da identidade, iniciada antes das independências e intensificada após a emancipação, ocorreram nas nações latino-americanas por meio de narrativas históricas e literárias. Por isso, vários estudos vêm sendo desenvolvidos a respeito do tema. Alguns escritores do século XIX, dentre eles, Machado de Assis e outros do XX, pensaram sobre sua própria produção e analisaram o processo de desenvolvimento da literatura local, estudando as obras de autores nacionais. Este estudo realizado por eles insere-se em um contexto literário mundial.

A discussão que os artistas literários e historiadores empreenderam está presente na América Latina. O surgimento de tantas pesquisas explica-se pelo intuito de entender o relacionamento entre a literatura latino-americana local em oposição à européia. Neste estudo, o foco está nas figuras identitárias eleitas pela literatura realizada em alguns lugares da América Latina, como Brasil, destacando-se o Rio Grande do Sul e Colômbia. Essa literatura é considerada “literatura de periferia”, em oposição aos parâmetros literários europeus, dita como de “centro”. Os artistas literários buscam entender em cada uma destas tendências a influência que uma exerce sobre a outra - a de centro sobre a de periférica e como esta última se desenvolveu para identificar-se como literatura local e de que forma se processa o diálogo entre elas. Para isso, as pesquisas focam os escritores que fizeram essa relação na ficção. Desde o processo de

---

<sup>1</sup> Mestranda em Literatura Brasileira, sob a orientação do Prof. Dr. Luís Augusto Fischer, do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul-UFRGS, [lineventu@yahoo.com.br](mailto:lineventu@yahoo.com.br).

independência as nações latino-americanas estabelecem diferenças entre elas e a metrópole europeia. Esse processo ocorreu, também, por meio da Literatura, de diferentes formas, as quais norteiam essa discussão.

O ponto central de nossa pesquisa está no processo de diferenciação identitária entre as nações latino americanas e a Europa. Pretendemos verificar como diferentes escritores literários e suas obras representaram a busca por essa identidade nacional e como pensaram sobre esta questão. Recortamos para fins de análise, *O Guarani* (romance histórico romântico brasileiro, produzido antes do século XX), dois romances históricos do século XX (a Trilogia *O Tempo e o Vento*, de Erico Verissimo) e *El general en su laberinto* (romance colombiano, de Gabriel Garcia Marques, caracterizado como latino-americano). A partir desses romances propomos verificar as divergências e as semelhanças entre as representações das figuras identitárias, respectivamente o índio (em *O Guarani*, de José de Alencar), o gaúcho em *O Tempo e o Vento*, de Erico Verissimo, por meio dos personagens: Capitão Rodrigo Cambará, doutor Rodrigo Terra Cambará e Floriano Terra cambará e, o histórico personagem Simon Bolívar (em *El general en su laberinto*, de Gabriel García Marques, confrontando a leitura de cada obra, a fim de verificar como se desenvolveu essa trajetória em busca pela identidade latino-americana, frente à Europa-metrópole e ao mundo.

Cotejamos essas obras pela representatividade das figuras identitárias e a forma de representação presente nelas. No primeiro romance histórico – *o Guarani* - identificamos o índio como figura identitária recorrente na literatura desde o século XVIII, na poesia e depois no romance. A figura identitária do índio é recuperada pelos românticos como representativa da nacionalidade brasileira. José de Alencar, escritores românticos, destacou-se nessa representação.

Na trilogia *O Tempo e o Vento*, identificamos três diferentes figuras identitárias representativas do gaúcho: o capitão Rodrigo Cambará, o gaúcho tradicional, Dr. Rodrigo Terra-Cambará, que toma como modelo de comportamento o Capitão Rodrigo, mas se conflita com o contexto modernizado existente a sua volta, caracterizando o herói moderno definido por Luckács e Lucien Goldmann (1967, p.17) como o herói problemático em busca dos valores autênticos em um mundo degradado e, portanto, diferente do contexto em que o capitão Rodrigo é representado e inserido. A terceira figura, recortada, nessa trilogia, é o Floriano, que exerce a função de narrador, refletindo acerca de sua identidade e sua terra. Diante desse panorama entendemos que *O Tempo e o Vento* caracteriza-se como uma obra problematizadora e crítica em torno da identidade nacional, constituindo efeito de pertencimento ao Rio Grande do Sul, em torno da figura do gaúcho. Segundo Luckács (1966, p.15), a representação da história não deve ser tomado como único critério na definição do que seja um romance histórico, tendo em vista “a la llamada novela histórica anterior a Walter Scott le falta precisamente lo específico histórico: el derivar de la singularidad histórica de su época, la excepcionalidad en la actuación de cada personaje.”

*El General en su laberinto*, do escritor colombiano Gabriel García Márquez, terceira obra recortada para análise, possui as mesmas características do romance histórico dadas por Luckács e Menton. A figura identitária representada, neste romance, é Simón Bolívar, importante figura da história na América Latina, que liga a representação literária do histórico personagem ao processo de independência dos países latino-hispânicos. A narrativa histórica *Simón Bolívar, economista*,

*ideólogo, político y periodista*, da Universidade de Barranquilla, personagem da obra literária de Gabriel García Márquez, difere em sua representação do Bolívar, presente no discurso historiográfico e jornalístico.

Os romances *O Tempo e o Vento* e *El general e su laberinto*, enquanto romances históricos são opostos a *O Guarani*, que apesar de também ser um romance histórico, não comporta as características do novo romance histórico da teoria luckasiana, o qual segundo Seymon Menton (1993), analisa criticamente a história. O índio de *O Guarani* é representado de forma ufanista, enquanto que os personagens gaúchos de Veríssimo e a figura histórica Simón Bolívar, de Gabriel García Márquez são representados de forma mais problematizadora e crítica. Isto tem a ver com a diferença do formato de gênero do romance histórico entre eles. Iniciamos o estudo pela forma ufanista, localizada em alguns discursos historiográficos. Como ponto de partida estabelecer diferenças entre o discurso histórico e o discurso literário.

### **Representações históricas e literárias**

A relação entre história e literatura gerou muitas discussões teóricas e críticas. Vários estudos vêm sendo desenvolvidos a respeito do tema. Muitas obras do século XX dialogam com o discurso histórico e, ora legitimaram uma determinada visão ideológica dominante, ora ajudaram a ampliá-lo, apresentando outras versões verossímeis e possíveis da história. O surgimento de tantas pesquisas explica-se pelo intuito de entender as diferenças e semelhanças entre as duas linguagens, buscando saber como ocorre a influência mútua entre elas e o modo como se estabelece o diálogo entre os dois discursos no romance histórico, e quais as representações resultantes dessa relação.

As duas disciplinas são consideradas reflexos da humanidade. Nessa questão, assemelham-se, a ponto de seus limites parecerem tênues. A discussão centra-se, sobretudo, na tentativa de separar a especificidade de cada uma delas. Muitos historiadores afirmam que a História é um “romance verdadeiro” e críticos literários conceituados questionam acerca da existência de um traço específico formal que distinga a narração de acontecimentos efetivamente ocorridos das narrativas imaginárias. Vale destacar que de um lado, alguns teóricos definem a História como uma “Ciência”, postulando diante disso, a separação entre ela e a literatura. De outro lado, outros teóricos a definem como sendo o conhecimento profundo do homem em sua infinita complexidade, aproximando, por isso, daquilo que fazem os escritores literários, sinalizando para a fragilidade das fronteiras existentes entre as duas áreas.

A História foi considerada uma ciência exata no século XIX, com o advento dos positivistas, pois é a teoria defensora da razão, da ordem e da verdade, devendo, por isso diferenciar-se das outras ciências humanas, tendo como função a reprodução fiel do passado. A Literatura, no entanto, também foi influenciada pelas idéias positivistas pela necessidade de a obra literária chegar ao maior grau de verdade possível dos acontecimentos históricos, no que resultou no realismo literário. Os dois discursos, portanto, ainda se confundem. Diante disso, a idéia da cientificidade natural da história logo foi desacreditada. Inúmeros argumentos surgiram para afirmar que a História está muito mais próxima da Literatura do que da ciência exata, de

modo que o historiador, ao selecionar os episódios históricos, já empresta subjetividade em seu discurso. É quase impossível captar toda a verdade absoluta, porque essa depende de uma série de interpretações, especialmente culturais, a serem feitas.

A literatura, ao utilizar elementos históricos, traz à tona a necessidade de o artista comprometer-se com o mundo por meio da arte. O discurso histórico tem motivado a inspiração artística literária, exercitando a capacidade de revelar novas interpretações sobre os objetos da realidade. A representação dos fatos pela literatura denuncia a parcialidade do discurso da história perante os acontecimentos ligados à realidade e contribui para a construção de versões dos acontecimentos, que não se pautam necessariamente pela verdade, mas pela verossimilhança.

A questão da verdade e da verossimilhança é fundamental para discutirmos a relação da história com a literatura como geradora de novos sentidos sobre a realidade, especialmente quando incluímos a cultura como um elemento significativo. Essa discussão perpassa este trabalho, na medida em que os três romances abordados- *O Guarani*, *O Tempo e o Vento* e *El General en su laberinto* relacionam-se com o discurso histórico de algum modo, ora afirmando uma posição enaltecida do objeto representativo da nacionalidade, ora problematizando-o. Diante dessa questão, pretendemos compreender como ocorreu o processo de representatividade e busca de uma identidade específica dos países da América Latina, entre os que cotejamos, Brasil e Colômbia. Este último porque o histórico personagem Simón Bolívar é considerado bastante importante para a história do processo de independência dos países hispano-americanos e o primeiro para discutir a figura do índio ter sido por muito tempo a única representação da identidade nacional, aparecendo bem mais tarde, no Rio Grande do Sul, a figura do gaúcho. Nesse sentido, na obra de Verissimo há uma reflexão histórica acerca da constituição do gaúcho, em diferentes contextos.

Em primeiro lugar, confrontamos a leitura em torno do personagem histórico Simón Bolívar e da narrativa histórica. O conjunto de artigos *Simón Bolívar, economista, ideólogo, político y periodista*, da Universidade de Barranquilla constitui a narrativa histórica confrontada com a representação fictícia de Gabriel García Márquez de Bolívar em seu romance. Para dar conta do nosso objetivo analisamos dois artigos escritos por dois jornalistas: Espriella, (artigo *Las ideas Políticas de Bolívar*) e Higgins (*Las ideas econômicas de Simón Bolívar*) Os dois textos abordam três faces geralmente associadas ao imaginário popular, consideradas ufanistas: a mística (considerado-o um profeta e Deus), a mítica (como fundador da América Latina) e o herói ( como corajoso, forte, invencível). Estes dois textos possuem um tom ufanista e atendem a uma questão ideológica, enfocando a auto-estima das nações hispano-americanas, tendo em vista que representam um Simón Bolívar idealizado. Desta forma, a representação realizada pelos jornalistas, apesar de priorizar a objetividade acaba se subjetivando pela influência da ideologia.

O mito de Bolívar refere-se ao momento primordial da constituição da América Latina livre do domínio da Espanha, de sua estruturação como nação. A imagem mítica do indivíduo histórico constrói-se e se solidifica pela sua identificação com a sociedade e os valores e perspectivas desta mesma sociedade. A partir daí, constroem-se discursos que legitimem esse imaginário e defendem determinadas ideias, muitas vezes atreladas a um grupo dominante. Esse conjunto de idéias pode denominar-se ideologia, definida de diferentes formas. Contudo, para a

melhor compreensão do fenômeno de transformação da figura histórica para o mito, selecionamos o conceito de Althusser (1967, p.191-192) , que explica ideologia como “Um sistema (que possui sua lógica e seu vigor próprios) de representações (imagens, mitos, idéias e conceitos, segundo os casos) , dotados de uma existência e de um papel histórico no seio de uma sociedade dada”.

Na narrativa desses dois textos históricos há as três representações de Bolívar relacionadas entre si: a do herói militar, guerreiro e profano; a do mito fundador da América Latina e, mais acentuada, a imagem sagrada, mística do personagem. O caráter da representação da figura histórica do general, possivelmente, esteja relacionado ao lugar que o promoveu, pois os artigos estão presentes no suplemento especial de desenvolvimento Indoamericano, patrocinado pela Universidade Simón Bolívar, Barranquilha, Colômbia. Além de atender a essa necessidade, essa representação corresponde, e alimenta a imagem de libertador, uma espécie de profeta inspirador que Simón Bolívar adquire nos países hispano-americanos, sobretudo no que concerne a sua identidade, a sua ideologia e seus valores. Nessa representação se manifesta muito mais do que a imagem de herói e de mito, constituindo uma conotação mística também. Esse aspecto é bem evidente no artigo de Espriella, o qual afirma:

Y estamos en el primer día de la creación. Es un mundo que se descubre a si mismo. La tierra. Sólo existe la tierra. Y comienza a aflorar el hombre que la padece. [...] Para que el hombre americano comience a “crearse” El mismo como hombre, hace falta algo más. Sí, hace falta la intensidad de una vida. Una pasión demoledora, y el misterio de la creación. Esos dos valores, la destrucción del presente y la perspectiva del futuro, confluyen en la personalidad de Bolívar y hacen posible su renacer, su presencia. Porque Bolívar está ahí siempre, y más aún, la guerra es larga, no da trazas de terminar jamás. [...] Toda esa gente hecha de barro inmediato y de pasiones elementares no podía ser deslumbrada por nada distinto a una fuerza sobrenatural. Em su instante esa fuerza es Bolívar. (1967, p.191-192)

A figura de Bolívar é comparada com a de Deus no momento em que a América latina-hispânica tornou-se independente do domínio espanhol, criando uma nova nação e uma nova identidade do povo latino-americano. O narrador faz uma analogia entre esse dia com a criação do mundo descrita no texto do Gênesis, representando Bolívar como uma força sobrenatural na constituição da identidade latina da América. O autor sugere que sem a presença de Bolívar a nação latino-americana, bem como seu povo, não existiriam. Toda a identidade de América Latina é atribuída a Bolívar, o qual como o criador, fez o homem com barro e lhe soprou a vida, quando o libertou do jugo espanhol. A referência ao barro tem o efeito de sentido de que os habitantes da América Latina eram desprovidos de personalidade e identidade próprias, como se isso fosse natural. Era preciso, segundo Espriella (idem), um herói de forças comparáveis às divinas, como Bolívar, para proporcionar-lhes o reconhecimento de si mesmos como povo e nação livres e únicos.

Bolívar é concebido e enaltecido como um messias salvador. Essa imagem o aproxima do místico, do sagrado. A representação concebida, nessa narrativa, corresponde ao mito e ao místico, categorias diferentes, que trabalham com duas imagens do personagem: a de fundador e a de sagrado. Por isso, ele é descrito na narrativa de Espriella com qualidades de profeta:

Aún en sus momentos más álgicos, Bolívar regresa a la estabilidad anímica con la ponderada sabiduría de un profeta. (...) La derrota, aún las vacilaciones de su propia personalidad, sus instantes débiles, se resuelven siempre en una apertura hacia el porvenir en algo que no es la simple esperanza o el deseo, sino la ceja de luz, o más bien: una lámpara encendida en su mano. (1967, p.191-192)

A caracterização de profeta dada a Bolívar, nesta representação, confere-lhe ares de vidente, capaz de prever os acontecimentos futuros com grande exatidão que beira à clarividência. Isso significa que o povo e a terra são representados como elementos dependentes do general, de forma que ele era responsável pela sua vida e construção da sua identidade, bem como de seu destino. A relação entre o personagem histórico e o povo é narrada por Espriella como se houvesse uma relação em que um era um Deus onisciente e os demais homens, criaturas comuns.

Contudo, nesse texto a representação revela mais uma imagem: a do profano, pois remete a Bolívar como um ser dotado de grandes poderes, inclusive sobrenaturais, mas que erra, comparável a um Deus de características greco-romanas, posto que o autor reconhece em Bolívar momentos de fraqueza e de erros, ressaltando, entretanto, seu caráter profético e uma espécie de abertura de caminhos para o futuro. Assim como os deuses da Grécia e da Roma antiga, que possuíam características humanas, mas seu lado divino sobressaía, as fraquezas de Bolívar são ignoradas, ou até mesmo enaltecidas e aprovadas: até mesmo seus erros são importantes para a revelação do futuro ao povo. Essa representação evoca as características do herói guerreiro que, apesar dos obstáculos, é vencedor, sendo simultaneamente, herói guerreiro e libertador do povo latino-americano. A narrativa evoca, também, a imagem do mito fundador.

A representação histórica de Bolívar se transforma em mítica no momento em que permanece no imaginário coletivo nacional e é ainda é evocada no presente, como exemplo. Por isso, além de herói, Bolívar se tornou mito, o qual segundo Mircea Eliade:

[...] conta uma história sagrada; ele relata um acontecimento ocorrido no tempo primordial, o tempo fabuloso do "princípio". Em outros termos, o mito narra como, graças às façanhas dos Entes Sobrenaturais, uma realidade total, o Cosmo, ou apenas um fragmento: uma ilha, uma espécie vegetal, um comportamento humano, uma instituição. É sempre, portanto, a narrativa de uma "criação": ele relata de que modo algo foi produzido e começou a ser. O mito fala apenas do que *realmente* ocorreu, do que se manifestou plenamente. (2002, p. 11)

A interpretação de Bolívar, nestes artigos, infere a influência da ideologia: ao enaltecer a figura histórica do general, emprestando-lhe características divinas. Reafirma-se o mito, que possui facetas sagradas e profanas, simultaneamente, construídas no imaginário popular da América Latina. Desse modo, a História adquire caráter heróico e de epopéia, na tentativa de construir um ideal romantizado, com o intuito de alimentar o espírito nacionalista dos países latino-americanos. Uma vez que este espírito entranha-se na identidade da comunidade, acontece o mito. De acordo com Lúcia Santaella, a ideologia reforça a propagação dos mitos históricos, que é entendida como:

[...] sistemas de representações imaginárias que os indivíduos fazem de suas reais condições de existência social, de modo que toda e qualquer prática existe através e sob uma ideologia. Só há ideologia através do sujeito e para sujeitos. Nessa medida, a ideologia se acha a tal ponto presente em todos os atos e gestos dos indivíduos que chega a ser indiscernível de sua experiência vivida. (1996, p. 213)

A imagem de libertador de Bolívar está amalgamada na identidade do povo latino-americano. Contudo, a representação feita pelos autores dos artigos no livro analisado não consegue abarcar as outras dimensões do acontecimento histórico da independência. Não se trata de negar a importância dos atos do personagem Bolívar para a América Latina, mas de mostrar a falta de criticidade e de imparcialidade que esse tipo de interpretação encerra.

A representação de Bolívar, no romance de Gabriel García Márquez, difere da realizada pela narrativa histórica. Diante disso, nos perguntamos: de que maneira o texto de Gabriel García Márquez pode contribuir para se chegar a uma versão mais completa e verdadeira do personagem histórico Bolívar, sem negar a sua importância, humanizar o personagem, trazê-lo mais próximo à realidade? Para responder a essa questão é necessário entender como se processa a representação dos objetos da realidade na literatura. Uma das hipóteses postulada é a de que a variedade de significações proporcionada pela arte à representação de um objeto da realidade permite um leque de facetas sobre o mesmo objeto. Isso ocorre pela capacidade da arte - nesse caso, a Literatura, - de desnaturalizar a realidade, ou seja, de tirá-la do contexto rotineiro e iluminá-la.

Desnaturalizar a arte significa retirar os objetos da realidade do automatismo e aguçar a percepção sobre os detalhes. O texto de Gabriel García Márquez tira a imagem de Bolívar da representação tradicional e ilumina os pontos rejeitados de sua história, dentre os quais destacam-se o sofrimento da doença e a sua morte, a fim de iluminar a história da própria América Latina. Para constituir esse efeito é desnaturalizada a imagem de Bolívar, desconstruindo o mito ficcional. Essa concepção da arte literária e os procedimentos de sua estruturação provem dos formalistas russos, nos anos de 1914 e 1915. De acordo com V. Chhovski:

E eis que para devolver a sensação de vida, para sentir os objetos, para provar que pedra é pedra, existe o que se chama arte. O objetivo da arte é dar a sensação do objeto como visão e não como reconhecimento; o procedimento da arte é o procedimento da singularização dos objetos e o procedimento que consiste em obscurecer a forma, aumentar a dificuldade e a duração da percepção. O ato da percepção em arte é um fim em si mesmo e deve ser prolongado [...] (1976,p. 45)

O objeto iluminado pela arte torna-se único, perceptível ao olhar, especial. Essa transformação da percepção ocorre pela singularização, ou seja, o destaque das características do objeto, como se ele fosse visto pela primeira vez. O procedimento artístico acontece devido à descrição da realidade, que realça determinados aspectos, antes automatizados e não percebidos. Com isso ocorre a transformação do olhar sobre o objeto e a mudança de sua significância, o que resulta em diversos efeitos. Na ficção de Márquez, aspectos humanos do personagem histórico são representados e singularizados (pois antes eram ignorados nos textos históricos, de Espriella e Higgins,) de forma que parecem reais.

O objetivo da arte principal é a singularização do objeto, e esta resulta em uma variedade de imagens, ou seja, ideias diversas significantes em relação ao objeto. A representação do Bolívar humano em Márquez aproxima-se da verdade ao representar sua fragilidade, sem negar sua importância histórica, ajudando a chegar a uma versão considerada mais próxima ao real. Dessa forma, como a arte pode parecer tão real? Como o texto de Márquez, ao ser ficcional e não ser comprometido com a realidade, pode ter a sua representação de Bolívar tão próxima ao real?

Segundo Roland Barthes (1972), a sensação de real é apenas um efeito como os outros que a arte produz, ocorre através do seguinte procedimento:

Suprimido da enunciação realista, a título de significado da denotação, o “real” volta para ela ( a ilusão) a título de significado de conotação; pois no mesmo instante em que esses detalhes são supostos denotarem directamente o real, eles não fazem mais que os significarem, sem dizê-lo, o barômetro de Flaubert, a pequena porta de Michelet, não dizem nada mais do que isso: *somos o real*; é a categoria do “real” ( e não seus conteúdos contingentes) que é então significada; ou melhor, a própria carência de significado em proveito do único referente torna-se o próprio significante do realismo: produz-se um *efeito de real*, fundamento desse inverossímil inconfessado [...] (p. 43)

A forma que Gabriel García Márquez representa o histórico personagem Simón Bolívar permite que realizemos uma leitura cujo efeito é muito semelhante ao que concebemos como real, ou mais próximo à realidade, mais verossímil que a narrativa histórica em questão. O efeito de real é oriundo da prática mimética, dita por Aristóteles (1966), que explica mimesis como “imitação”. A verossimilhança é a característica principal da mimesis, a qual está relacionada à palavra “copiar”, não se aproximando, de modo algum, de “retratar”. A verossimilhança consiste em representar a realidade, isto é, revelar novas interpretações a respeito dela. O termo, no entanto, foi depreciado por Platão antes de chegar ao conceito aristotélico. Ao privilegiar a verdade absoluta e essencial dos objetos, Platão considera a mimesis prejudicial, sendo falsa e ilusória, ao discurso filosófico ideal, que é objetivo e exato. A história é considerada, desse modo, uma ciência e é privilegiada, por Platão, perante a ficção, cuja forma é norteadada pela representação. Aristóteles, porém, considerou que a arte literária não precisa retratar a verdade, mas apresentar possíveis interpretações do real e, para isso, o efeito mimético é fundamental.

A verossimilhança é um fator importante na obra literária *El general en su laberinto* na representação do Simón Bolívar humano. Um desses dados é a utilização de trechos de cartas que o personagem histórico escreveu, os quais além de dar o efeito de real, também representam verossimilmente sua humanidade. A forma como o narrador representa as atitudes e ações do general nos momentos de dor são possíveis de terem ocorrido na realidade. Parecem como acontecimento que podem ocorrer a qualquer pessoa doente, ou seja, corresponde à expectativa de como alguém frágil pode reagir e convence o leitor de que o personagem age dessa forma.

Segundo o filósofo grego Aristóteles (1966, p.144), “com efeito, na poesia é de preferir o impossível que persuade ao possível que não persuade [...] e o paradigma deve ser superado. E depois, a opinião comum também justifica o irracional, além de que, às vezes, irracional parece que não o é, pois verossimilmente acontecem coisas que inverossímeis parecem.” Por isso, cabe à arte apresentar um acontecimento crível, não necessariamente verdadeiro, que expanda os sentidos e traga novas visões sobre o objeto, por meio da ficção. É por isso que a representação fictícia do personagem Simón Bolívar no romance *El General en su laberinto* pode contribuir para uma persuasão eficaz na busca pela verdade dos fatos do que a representação histórica por si só.

A fábula de *El General en su laberinto* trata dos últimos cinquenta anos de vida de Simón Bolívar. Esse período está em foco justamente porque representa o personagem histórico em um momento considerado mais humano por sua fragilidade: o Simón Bolívar do romance de Gabriel García Márquez é doente, decepcionado e busca uma saída em seu labirinto interior, que



corresponde à proximidade da morte. A verossimilhança é um fator importante neste momento porque o corpo debilitado pela doença e a espera pela morte são sentimentos que fazem parte do drama humano.

Essa representação é essencialmente romanesca, pois foca a experiência pessoal e por isso se torna mais próxima ao real do que a do herói épico que serve apenas à comunidade, de modo que a última é semelhante à representação que a História realiza sobre Simón Bolívar, uma vez que legitima o imaginário popular. O discurso épico assemelha-se ao discurso histórico na representação do personagem histórico, mesmo que os dois sejam de natureza diferente: o primeiro é literário, o segundo, histórico. Entretanto, a semelhança localiza-se na intenção de enaltecimento da comunidade. A diferença entre o personagem épico e o romanesco está na representação da sua psicologia. De acordo com Georg Luckács :

O espírito fundamental do romance, aquele que lhe determina a forma, objectiva-se como psicologia dos heróis romanescos: estes heróis estão sempre em busca. Este simples facto indica que nem os fins nem os caminhos podem ser imediatamente dados ou que, quando são dados de maneira psicológica imediata e inabalável. Longe de constituir um saber evidente incidindo sobre correlações reais ou sobre necessidades éticas, não passam de factos psíquicos sem correspondência necessária, nem no mundo dos objectos nem do das normas. (1966, p. 60)

O discurso ficcional representa um Bolívar diferente da representação historiográfica e até se tornou mais verossímil que o discurso histórico. De acordo com Juan G. Cobo Borba (1989, 14-15): “ Los discursos históricos han sido puestos em duda por el discurso de la ficción. Los “nuevos” Bolívares vem caer las máscaras de todas aquellas ideologias que maquillaban el desnudo apetito del poder.” A representação de Simón Bolívar, embora este seja histórico, o torna um personagem romanesco, porque aborda a busca desse personagem pelo sentido de suas ações e sua vida com a proximidade da morte. É esse o labirinto do título da obra. Por isso, a trama organiza o período dos últimos anos de vida de Bolívar através da narrativa de suas ações em âmbito particular, entremeadas com fluxo de consciência do personagem.

O romance *El General en su laberinto* é considerado histórico porque a ação representada do personagem foca a sua singularidade pessoal na dinâmica da história, com seus efeitos e conseqüências. Essa é a sua principal característica, pois não é a representação da História e do personagem histórico Simón Bolívar que denominam o romance de Gabriel García Márquez histórico, mas a sua problematização na dinâmica dos personagens. De acordo com Mário González :

[...] o romance histórico deve ser considerado como “uma” das manifestações do romance. Não me parece que seja pertinente falar em romance histórico antes do século XIX, da mesma maneira que não cabe confundir com ele o romance realista (posterior) do século XIX. Os romances que- nas palavras de De Decca- “pretendem ser testemunhos de sua época” fogem à característica primordial do romance histórico tradicional , que tem como base o distanciamento cronológico com relação à realidade histórica evocada, pro ele tratada como critério de verdade; esta serve de pano de fundo à ficção, que deve se pautar prioritariamente pelo critério da verossimilhança, de modo a permitir a coexistência do histórico e do ficcional. (1995. P.211)

A História é trabalhada no romance de modo a gerar reflexão, a multiplicação de seus sentidos, e não para servir ao compromisso de verdade. É a representação da influência da história no indivíduo em sua interioridade, que realiza essa variedade de sentidos. Nela é utilizado o critério da verossimilhança, isto é, a representação da humanidade dos indivíduos em sua dinâmica com a História. Isso significa que a subjetividade do personagem está em primeiro plano e não o fato de que ocorre como pano de fundo, ou a imagem construída pela Historiografia do personagem histórico. Desse modo, o Simón Bolívar presente no romance de Gabriel García Márquez é diverso do personagem histórico da Historiografia e dos livros biográficos. Segundo Luckács:

Numa situação histórica em que a categoria do orgânico se impõe universalmente ao conjunto do ser, seria violentar estúpidamente aquilo que lhe cria precisamente o carácter orgânico pretender situar a singularidade de um ser vivo- com a sua limitante limitação- no ponto de partida da estilização e no próprio centro da criação da forma. (1966,p..77)

O romance histórico é uma das manifestações do romance, cuja representação da história é feita a partir do critério da verossimilhança e consegue chegar mais próximo à verdade do que os textos historiográficos. Segundo Mário González :

No século XX, surpreendentemente, estamos perante um novo romance histórico que lê a história com muito maior liberdade do que o romantismo e encurta o máximo as distâncias entre a verdade e a verossimilhança. Dessa maneira, o romance histórico de hoje pode utilizar a verossimilhança ficcional para ler de maneira crítica a história e, às vezes, atingir por esse caminho uma verdade que os historiadores nem sempre conseguiram construir de maneira mais acabada. Mais ainda, esse trânsito livre do romance pela temporalidade permite que este, sem deixar de ser histórico - ao se remontar ao passado-, atinja o presente, cujas raízes estão nesse passado. O romance histórico deixa de ser a mera evocação romântica da história para se transformar numa análise do processo histórico. (1995,p. 212)

A representação humanizada de Bolívar no romance histórico de Gabriel García Márquez auxilia na compreensão do momento presente da América Latina, na constituição dos países que a compõem e, sobretudo, na influência da imagem construída do personagem histórico em questão. O romance desmistifica a imagem de Bolívar e a traz, através do critério da verossimilhança, próxima a do Bolívar humano. De acordo com Roberto González Echevarría (1991, p.68): “García Márquez se ha atrevido, si no a vulnerar, por lo menos a desacralizar uno de los ídolos de la retórica patriótica latinoamericana”.

A desacralização do herói inicia pela sua humanização, de modo que não é tratado como um Deus ou mesmo uma “estátua equestre”, como em algumas narrativas historiográficas. A época de glórias e conquistas de Bolívar, geralmente predominante na maior parte das narrativas históricas e mesmo nas biografias, não recebe o mesmo enfoque na narrativa de *El general en su laberinto*. A representação de Bolívar humanizado no romance inicia pelo tempo histórico selecionado da vida do personagem histórico como pano de fundo da ficção. O período de vida escolhido pelo romancista para representar é significativo, pois é justamente a época em que Bolívar sofre a sua derrocada, está doente e desacreditado. O herói se torna humano, porque está destituído da aura de poderoso.

A proximidade com a morte, e de uma forma comum, não heróica, é uma das angústias representadas nesta faceta de Bolívar em *El general en su laberinto*. A morte é um elemento

presente na vida do herói, porém, como sinônimo de bravura, coragem, e era sempre vencida por ele. Em uma situação de impotência e doença, muda de significado: não é mais vinculada à imagem de herói:

Siempre tuvo a la muerte como un riesgo profesional sin remedio. Había hecho todas sus guerras en la línea de peligro, sin sufrir ni un rasguño, y se movía en medio del fuego contrario con una serenidad tan insensata que hasta sus oficiales se conformaron con la explicación fácil de que se creía invulnerable. Había salido ileso de cuantos atentados se urdieron contra él, y en varios salvo la vida porque no estaba durmiendo en su cama. Andaba sin escolta, y comía y bebía sin ningún cuidado de lo que le ofrecían donde fuera. Sólo Manuela sabía que su desinterés no era inconciencia ni fatalismo, sino la certidumbre melancólica de que había de morir en su cama, pobre y desnudo, y sin el consuelo de la gratitud pública. (1989. p.16)

A morte de um herói é sempre em combate, e não doente em cima de uma cama. Esta imagem faz parte do conjunto de características típicas de um herói. O narrador representa o personagem histórico em sua angústia de não possuir mais esse conjunto de características, que inclui ter uma morte gloriosa, na guerra. A glorificação perpassa pelo reconhecimento dos outros do ato heróico que precedeu a morte. É a manifestação da ideologia que legitima esse pensamento: a ideologia caudilha, do guerreiro que morre em batalha e que todos o reconhecem.

O narrador representa, através do fluxo de consciência do personagem, que a ideologia da imagem de herói caudilha está muito presente. Bolívar relembra que escapou da morte várias vezes, inclusive por não estar na cama e agora, justamente ele, que passou por tantos perigos e não se preocupava com o risco com a proximidade com a morte, iria morrer na cama, por doença. Segundo Borba:

[...] García Márquez desmistifica el perfil romano de sus estatuas y nos lo ofrece, reducido y por ello mismo mucho más grande, en la humana dimensión de sus 1, 65 metros. ¿Cuál Bolívar surge de esta primera lectura? Um hombre al cual la vida le había enseñado “ las veleidades del poder” y “la inutilidad de la gloria. (1989,p. 20-21)

A representação humana de Bolívar realizada pelo narrador de Gabriel García Márquez mostra um Bolívar decepcionado com seu país, doente, ciente da inutilidade do poder e da glória diante de todos os perigos que sofreu, de modo que não teria nem ao menos o “consolo da gratidão humana”, isto é, o reconhecimento. Por isso, ela difere da representação histórica, que mostra um perfil de herói do personagem.

O Bolívar humanizado de Gabriel García Márquez vive um labirinto pela busca de sua paz interior, de uma reconciliação entre passado e presente, de vencer o medo da morte. Isso é representado através de sua luta com a doença e envolto pelos pesadelos e lembranças de seu passado heróico, e o levam a constatação de que o que mais vale é estar vivo, que o poder é uma ilusão e a glória é inútil:

Catorce años de guerras le habían enseñado que no había victoria mayor que la de estar vivo. La presidencia de Bolivia, el país vasto e ignoto que había fundado y gobernado con mano sabia, le enseñó las veleidades del poder. La inteligencia de su corazón le había enseñado la inutilidad de la gloria. (1989,p.28)

O narrador representa a reflexão do personagem em relação à vida e a glória, ou mesmo, em relação a uma morte gloriosa, de sua inutilidade. O valor da vida é reconhecido, em detrimento da glória, que é fugaz e passageira, pois no momento mais difícil, Bolívar se vê abandonado até mesmo pelos seus companheiros políticos. A perda da glória se caracteriza como um elemento mais próximo ao humano e diverso do imaginário heróico.

A representação fictícia de Simón Bolívar em Gabriel García Márquez foca a singularidade nas características que se opõem à representação heróica, sobretudo em relação à própria imagem, o comportamento que se espera de um herói; a fraqueza; a decepção. É neste ponto que o romance *El general en su laberinto* é caracterizado como romance histórico, porque se diferencia dos romances históricos de cunho romântico, como o *O Guarani*, cujo objetivo é exaltar a história da terra e de seus personagens históricos.

Na exaltação empreendida pelos românticos, há uma grande influência ideológica da classe dominante da época, a qual pretendia construir uma história grandiosa, quase uma epopéia, de sua terra. Por isso, essa representação está longe de ser uma versão verossímil da realidade no sentido de ser reflexiva e crítica, de abarcar as diferentes “vozes” da história, ou seja, dos dois grupos: vencedores e vencidos. De acordo com Regina Zilbermann (2003, p.130) isso ocorre porque “o problema é que Alencar introduziu o elemento indígena, necessário à concretização do projeto romântico nativista. Peri, que nomeia a obra, é o fator estranho ao realismo preferido por Luckács, pois não há como adequá-lo àquele princípio de representação.”

Esse projeto romântico nativista literário pretendia afirmar a auto-estima da recém libertada nação brasileira e procurar, através do índio, uma especificidade local brasileira. Processo parecido com a representação que a narrativa historiográfica e jornalística de Higgins e Espriella realizaram da figura histórica de Simón Bolívar nos países hispano-latinoamericanos. Segundo Antônio Cândido

Na nossa cultura há uma ambigüidade fundamental: a de sermos um povo latino, de herança cultural européia, mas etnicamente mestiço, situado no trópico, influenciado por culturas primitivas, ameríndias e africanas. Esta ambigüidade deu sempre às afirmações particularistas um tom de constrangimento, que geralmente se resolvia pela idealização. Assim, o índio era europeizado nas virtudes e costumes (processo tanto mais fácil quanto desde o século XVIII os nossos centros intelectuais não o conheciam mais diretamente); a mestiçagem era ignorada, a paisagem amaneirada. (2002, p.119)

O índio em *O Guarani* aparece representado com um comportamento muito semelhante ao de um europeu idealizado. O personagem Dom Antônio de Mariz faz esta afirmação ao descrever o índio Peri para o Sr. Álvaro:

- Não há dúvida, disse D. Antônio de Mariz, na sua cega abnegação por Cecília quis fazer-lhe a vontade com risco de vida. É para mim uma das coisas mais admiráveis que tenho visto nesta terra, o caráter desse índio. Desde o primeiro dia que aqui entrou salvando minha filha, a sua vida tem sido um só ato de abnegação e heroísmo. Crede-me, Álvaro, é um cavalheiro português no corpo de um selvagem! (1984. p.34)

Nesta cena, pode-se apreender o imaginário em torno do que seja também o europeu: homem civilizado, educado e, principalmente, heróico. As características mestiças do indígena Peri são ignoradas e ressalta-se essa semelhança, que inclusive é proferida pelo personagem D. Antônio de Mariz. A representação do índio Peri confirma a necessidade de, embora colocada a diferença na figura identitária do índio, de parecer-se com o europeu, porque é uma cultura que forjou a formação da identidade brasileira - e latino-americana - e está bastante forte nesta representação.

Essa necessidade sinaliza para algumas mudanças de representação nos romances históricos de acordo com o modelo proposto por Luckács no século XX, na América latina, e também no Brasil. No Modernismo vai recorrer a representação do índio em alguns momentos, porém, de outra forma. Em *Macunaíma*, de Mário de Andrade (1928) o herói tem muitas faces e “nenhum caráter”, ao contrário de Peri. Aos poucos, a figura identitária do índio desaparece e cede lugar ao homem do interior. Em 1949, ano de publicação do primeiro volume de *O Tempo e o Vento*, o índio como personagem já havia desaparecido.

*O Tempo e o Vento*, de Erico Veríssimo, realiza uma reflexão histórica em torno de sua figura identitária principal: o gaúcho. Embora a primeira vista pareça um romance local, é considerado um romance inserido na literatura universal porque efetua uma reflexão histórica problematizadora e aborda questões que são identificadas à humanidade. De acordo com Flávio Loureiro Chaves):

Em qualquer caso fica afastada a hipótese-que tem sido levantada com frequência- de interpretar-se *O Continente* ( e muito menos *O Tempo e o Vento*) como uma epopéia. [...] porque a visão antimachista do escritor orienta o discurso para um ponto que está longe de coincidir com uma perspectiva épica no que diz respeito ao acordo com o código guerreiro do mundo observado. Estabelecida a dialética entre os valores sociais e os valores propostos pelo narrador, entre o arquétipo de Rodrigo e de Ana Terra, ele depositará sempre a sua ideologia na ação destas mulheres perseverantes. (1981, p78)

A trilogia de Erico Veríssimo (a primeira parte é *O Continente*) inicia por uma representação do que seria uma espécie de tempo original da história do Rio Grande do Sul, cujo fluxo é quebrado por diversas rupturas históricas. Neste momento, aparece a figura identitária do gaúcho situada no Capitão Rodrigo Cambará, o qual representa o modelo, o arquétipo de gaúcho original, tradicional:

Toda a gente tinha achado estranha a maneira como o cap. Rodrigo Cambará entrara na vida de Santa Fé. Um dia chegou a cavalo, vindo ninguém sabia de onde, com o chapéu de barbicacho puxado para a nuca, a bela cabeça de macho altivamente erguida, e aquele olhar de gavião que irritava e ao mesmo tempo fascinava as pessoas. Devia andar lá pelo meio da casa dos trinta, montava um alazão, trazia bombachas claras, botas com chilenas de prata e o busto musculoso apertado num dólmã militar azul, com gola vermelha e botões de metal. Tinha um violão a tiracolo; sua espada, apresilhada aos arreios, rebrilhava ao sol daquela tarde de outubro de 1828 e o lenço encarnado que trazia ao pescoço esvoaçava no ar como uma bandeira. (2005. p.209)

Esse personagem vai representar o modelo de comportamento e ideal de homem para toda a geração masculina, inclusive para o personagem Dr. Rodrigo Terra Cambará. No entanto, este personagem, embora tendo o mesmo nome e os ideais parecidos com os de seu bisavô, insere-se em um contexto modernizado, diferente e entra em conflito com seus ideais e os do mundo em que vive. De acordo com Lucien Goldmann (1967, p.25 ) esse tipo de herói está em busca dos valores autênticos em um mundo degradado e a sociedade capitalista é caracterizada como um: “[...] universo estruturado pelos valores conscientes da burguesia: individualismo, sede de poder, dinheiro [...] que triunfa dos antigos valores feudais do altruísmo, caridade e amor”.

Um mundo em que o herói problemático se debate às voltas com a busca de sua própria identidade e de um possível ajuste com o mundo em que esta inserido. De acordo com Sandra Pesavento (2005, p.14) : “o sujeito da narração não é mais a coletividade, mas o indivíduo Rodrigo Cambara. [...] *O Retrato* se fixa principalmente na questão da individuação e da emergência da pessoa num contexto novo.”

Floriano, o personagem-narrador e filho do Dr. Rodrigo Terra-Cambará, vai além de seu pai e realiza uma reflexão crítica sobre a história de sua terra e de sua família. Sente as angústias do pai e tenta resolvê-las através da ficção. Segundo Chaves:

Floriano está empenhado numa luta de vida e morte, tão intensa quanto a de Bibiana contra a Teiniaguá, uma luta na qual a escritura do seu romance deveria expressar, no dramático gesto para superar a carência de ação, “ a convicção que tenho de que o homem, por seus próprios meios, sem contar com o apoio de forças sobrenaturais, pode melhorar a sua vida e a de seus semelhantes na terra. Daí a revisão da História passada e, no seu processo, a inclusão de uma crítica social em que o texto literário nasce na oposição dialética entre os falsos valores da coletividade retratada e os valores que o narrador toma por autênticos. (1981,p.88.)

E por isso que podemos identificar em *O Tempo e o Vento* um romance histórico de acordo com as características apontadas por Luckács e Menton. Desta forma, encontramos semelhanças no tratamento de representação das figuras identitárias entre *El general en su laberinto* e *O Tempo e o Vento*. Estes dois romances estão inseridos no século XX e em uma perspectiva de dialética histórica, no sentido de problematizá-la, pois a visão a respeito da identidade latino-americana está inserida em outro contexto e patamar. Se antes do século XX, os românticos precisavam afirmar seu sentimento de pertencimento nacional e identidade- leitura que se faz de *O Guarani* e da figura identitária do índio representada em Peri- no século XX se percebe uma posição diferente, a de buscar uma identidade condizente e verossímil, livre de ideologias.

### **Considerações finais:**

O objetivo deste trabalho não é afirmar que uma obra parece mais verossímil, ou melhor do que outra em matéria de representação identitária, mas de entender o processo de construção da identidade latino-americana e sua relação com a Europa, que continua até hoje.

Os países hispânicos e o Brasil passaram por um processo de emancipação e uma trajetória de busca pelas identidades semelhantes. Ambos passaram pela influência da cultura européia na formação de sua identidade, ou melhor, forjou a cultura latino-americana e a forma de compreender essa influência passou por vários estágios de representações artísticas (literatura) e historiográficas, que vão desde a negação completa da Europa, a sua fruição, para chegar a uma visão problematizadora e dialética.

Identificamos dois estágios dessa busca identitária: a negação e, ao mesmo tempo, ufanização e espelhamento na cultura européia, características que localizamos na figura identitária do índio representada na obra fictícia *O Guarani*, de José de Alencar, e a representação do histórico personagem Simón Bolívar na narrativa historiográfica *Simón Bolívar: economista, ideólogo, político y periodista*, que contém os dois artigos de Espriella, (artigo *Las ideas Políticas de Bolívar*) e Higgins (*Las ideas econômicas de Simón Bolívar*); e o estágio cuja visão da identidade nacional é dialética e problematizadora está presente na representação das figuras identitárias do gaúcho e do personagem histórico Simón Bolívar nos romances históricos *O Tempo e o Vento*, de Erico Verissimo e *El general en su laberinto*, de Gabriel García Márquez.

Em relação aos dois primeiros textos citados que correspondem ao estágio do espelhamento no europeu e na ufanização, - apesar de serem bem diferentes (um é um romance histórico romântico brasileiro, outro é uma narrativa historiográfica e jornalística)- verificamos que as características de herói corajoso, forte e invencível são acentuadas e as ligadas à mestiçagem e ao que atribuímos a humanidade, como a fraqueza e a derrota, são apagadas ou ignoradas nos dois textos. Essas características definem a representação identitária presente tanto em *O Guarani*, quanto *Simón Bolívar: economista, ideólogo, político y periodista*. Isso significa que esses textos relacionam-se a um tipo de pensamento vigente, acentuado logo após os processos de independência nacional: o sentimento nacionalista e nativista de auto-estima. A preocupação principal era diferenciar-se da Europa, procurando um elemento específico de nacionalidade, contudo, ao mesmo tempo, construir uma imagem positiva. A positividade era espelhada no europeu, visto como ideal. Esse estágio localiza-se principalmente entre os séculos XVIII e XIX.

Realizamos a leitura do segundo estágio de representação identitária, que corresponde a uma visão problematizadora e dialética, nos romances históricos à maneira de Luckács *O Tempo e o Vento* e *El general en su laberinto*. A representação da identidade desses romances se opõem a de *O Guarani* e da narrativa historiográfica que cotejamos, porque representam em suas figuras identitárias as características rechaçadas pelo romance e pela narrativa histórica, percebidas como humanas. Desse modo, se apreende de sua leitura uma preocupação diferente: a de conferir mais verossimilhança, a de conseguir uma versão mais completa da identidade que, ao mesmo tempo, sem necessidade de negar a influência européia. Essa visão se dá pela revisão histórica (localizada em *O Tempo e o Vento*) e a iluminação do caráter mais humano dos históricos personagens (representação de Simón Bolívar em *El General en su laberinto*). Em ambas as representações, são acentuadas as características de herói problemático, que conflituava-se com seu meio, e a abordagem da fraqueza, da vencibilidade, da dificuldade, do medo da doença e da morte, constitutivas da visão que se concebe como próxima a humanidade. Por isso, o gênero de romance histórico desses dois romances é diverso de *O Guarani*.

Através da leitura desses três romances ( e da narrativa historiográfica), verificamos um panorama de representação da identidade nacional na América latina, tanto na literária quanto na historiográfica, que partiu do espelhamento europeu e ufanização para a revisão histórica e dialética da identidade.

## Referências

- ALENCAR, José. *O Guarani*. 11ª. ed. São Paulo: Ática, 1984.
- ALTHUSSER, L. *La revolución teórica de Marx*, México, Siglo XXI, 1967.
- BARTHES, Roland. *O efeito de real*. In: BARTHES, Roland; GENETTE, Gérard; BREMOND, Claude; TODOROV, Tzvetan; KRISTEVA, Júlia. *Literatura e Semiologia- seleção de ensaios*. Petrópolis: Vozes, 1972.
- BORDA, Juan G. Cobo. *Los nuevos bolívares*. In: CUADERNOS HISPANOAMERICANOS. Madrid: Ciudad Universitaria, 1989.p. 20-21.
- CÂNDIDO, Antônio. *Literatura e sociedade- estudos de teoria e história literária*. 8ª. ed. São Paulo: Quercus, 2002.
- CHAVES, Flávio Loureiro. *Erico Veríssimo: realismo e sociedade*. 2ª. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1981.
- EIKENBAUM, Boris Schnaiderman. *Teoria da Literatura: formalistas russos*. Porto Alegre: Globo, 1976.
- ELIADE, Mircea. *Mito e realidade*. São Paulo, Editora Perspectiva, 2002.
- ESPRIELLA, Ramiro de la. Las ideas Políticas de Bolívar. In: Simón Bolívar: economista, ideólogo, político y periodista, Barranquilla: Simón Bolívar, 1999.
- GOLDMANN, Lucien. *Sociologia do Romance*, Vol 3. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.
- GONZÁLEZ, Mário. *Gêneros de fronteira*. 1995.
- HIGGINS, José Consuegra. Las ideas económicas de Simón Bolívar. In: Simón Bolívar: economista, ideólogo, político y periodista. Barranquilla: Simón Bolívar, 1999.
- LUCKÁCS, Georg. *A Teoria do romance*. Lisboa: Editorial Presença, 1966.
- MÁRQUEZ, Gabriel García. *El general en su laberinto*. Colonia del Valle: Editorial Diana-México, 1989.
- SANTAELLA, Lúcia. *Produção de linguagem e ideologia*. 2ª Ed. São Paulo: Cortez, 1996.
- VERISSIMO, Erico. *O Continente II*. São Paulo: Globo, 2002
- VERISSIMO, Erico. *O Continente I*. Porto Alegre: Companhia das Letras, 2005.
- ZILBERMANN, Regina. *A Literatura no Rio Grande do Sul*. 2ª ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982.



ZILBERMANN, Regina. *Saga familiar e História Política* In: GONÇALVES, Robson Pereira. *O Tempo e o Vento – 50 anos*. Santa Maria, RS: UFSM, 2000.

Recebido em: 15 de agosto de 2010.

Aceito em: 30 de agosto de 2010.